

caxangá

revista de arte e crítica - v. 3, n. 1, abr/2021



C
a X
a
n g
á

revista de arte e crítica

v. 3, n. 1, abr. 2021

Caxangá revista de arte e crítica

Editores

Ana Luíza Drummond

Jorge de Freitas

Ranielle Menezes de Figueiredo

Pareceristas

Cristiane Navais

Jean Dyego Soares

João Paulo Xavier

Márcio Oliveira

Patrícia Ramos

Thiago Mattos

Virginia Mota

Capa

Daniel Grimoni, fotografia de Gisele Carvallo Reginatto.

Projeto gráfico, editorial

Érica Cristina Pereira de Souza

Ranielle Menezes de Figueiredo

Caxangá: Revista de arte e crítica, v. 3, n. 1, Abr- 2021. - Poços de Caldas, MG.

Semestral.

ISSN: 2675-7966

1. Historia- 2. Arte. 3 Cultura.

João Paulo Hergesel

Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Mestre em Comunicação e Cultura (Uniso) e licenciado em Letras (Uniso), Pedagogia (Sumaré) e Artes Visuais (ETEP). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)cursos: sujeito e língua(gens). Contato: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

Análise estilística: o que é e como realizá-la? - com aplicabilidade na obra de Bruno Molinero

João Paulo Hergesel

“Quem tem medo da estilística?” foi uma pergunta cativante com a qual nos esbarramos ao longo dos anos de pesquisa nesse campo. Esse questionamento é o título de um ensaio de Sonia Zyngier (2014), no qual a autora discorre sobre o paradoxo que existe nos estudos estilísticos: ao mesmo tempo em que há muito receio em definir o que é o estilo e como analisá-lo, existe um fascínio envolvendo a disciplina e os resultados que ela é capaz de propor.

De modo sucinto, podemos dizer que a Estilística surgiu no início do século XX como uma renovação para as discussões aristotélicas sobre retórica e poética, além de funcionar como um complemento para os estudos gramaticais, destacando pontos que a gramática, por si só, não é capaz de identificar. Com o avanço das reflexões no âmbito das ciências da linguagem, diversas vertentes foram emergindo, embora a descriptiva e a idealista se destaquem.

É comum que a Estilística seja vista, na contemporaneidade, como uma ferramenta antiquada, um instrumento antigo de se analisar a expressividade, tanto que tem sido pouco mencionada nos cursos de graduação e pós-graduação de Letras e Comunicação. Essa constatação, no entanto, acaba sendo precoce e preconceituosa, haja vista que uma análise estilística bem fundamentada mostra-se eficiente para desvendar alguns enigmas da linguagem.

Como exemplo do que foi dito, podemos apontar que, nos estudos linguísticos, a Estilística auxilia no entendimento dos aspectos afetivos da linguagem, para além dos intelectivos, culturais e sociais. Já nos estudos literários,

a Estilística explora os elementos extratextuais, considerando os contextos de produção e fruição, excluídos por abordagens mais formalistas ou conteudistas.

Observando as publicações do século XXI que trazem a Estilística como suporte teórico-metodológico, vemos que ela não se engessa em ser unicamente linguística, presa aos elementos fonético-semântico-morfossintáticos, nem exclusivamente literária, limitada a marcas autorais, geográficas e de época. A Estilística vem se preocupando cada vez mais com a linguagem como um todo, combinando seu viés descritivo com sua vertente idealista.

Este prolegômeno, se assim podemos chamá-lo, nasce com o objetivo de apresentar a análise estilística como um procedimento metodológico interdisciplinar para observação de processos criativos e inovadores na literatura contemporânea brasileira. Para isso, conceituamos a Estilística a partir de estudos clássicos, propomos um protocolo de análise baseado em estudos estilísticos vigentes e aplicamos a discussão no poema *férias na disney*, de Bruno Molinero (2020).

Era uma vez, uma disciplina chamada Estilística

O termo “Estilística” foi cunhado em junho de 1905, com a publicação do *Précis de Stylistique*, de Charles Bally. Em tal obra, o autor apresenta a seguinte definição para a disciplina:

A estilística estuda os meios de expressão de que uma língua dispõe, os procedimentos gerais por ela usados para se expressar pela fala os fenômenos do mundo exterior, bem como as ideias, sentimentos e em geral todos os movimentos de nossa vida interior. // Ela observa as relações que existem em uma dada língua entre as coisas a serem expressas e sua expressão; procura determinar as leis e tendências que essa língua segue para chegar à expressão do pensamento em todas as suas formas. // Por fim, ela busca um método apropriado para descobrir esses meios de expressão, defini-

los, classificá-los e apresentar o uso adequado (BALLY, 1905, p. 7, tradução nossa).

Professor *privat-docent* da Universidade de Genebra, Bally foi um dos pupilos de Ferdinand de Saussure, linguista francês conhecido por suas dicotomias, e colaborou com a existência da renomada obra *Curso de Linguística Geral*, sendo um de seus organizadores. Por essas questões, houve uma propensão de Bally para discorrer sobre o estilo linguístico, denominando o que veio a se chamar *estilística descritiva*.

Vale lembrar, no entanto, que a Estilística se originou dos estudos da Filosofia, em especial do pensamento de Aristóteles sobre a retórica e a poética, consagrando-se um método transdisciplinar. Como assinala Claudio Cezar Henriques (2017, p. 10): “não se pode negar que sua existência tem uma conexão histórica e semântica com a Poética (enquanto ‘teoria geral das obras literárias’) e a Retórica (enquanto ‘teoria do discurso’)”.

Dois anos após as discussões ganharem espaço nas universidades europeias, foi publicada a primeira obra sobre o assunto no Brasil, *Estylistica*, de 1907, por Pedro Julio Barbuda. Para o autor:

A ordem imposta à evolução do pensamento e ao agrupamento de suas formas representativas é o que se chama estilo. // [...] // Pela escolha feliz das palavras, por sua disposição adequada, pelas ideias acessórias que elas revelam, pela variedade infinita das expressões, que deixam pressentir alguma coisa além, o autor dilata a esfera da visão intelectual; abre ao pensamento horizontes imensos, ao devaneio perspectivas que se encadeiam, vácuos que se perdem no espaço sem limites; confere ao sentimento do belo ritmos cadentes, melodiosos que dão ao fundo do quadro o efeito da harmonia; mas da harmonia que toca, que comove, que abala a imaginação e por secretas afinidades auxilia a concepção, e não a que consiste na sequência monótona de sons cadenciados; da harmonia que corresponde à ordem dos pensamentos e dos sentimentos, que se desenvolve e varia com eles, por modulações

delicadas ou súbitas dissonâncias, às vezes límpida e brilhante, às vezes sombria, lúgubre, flexível a todas as expressões, adaptada a todas as emoções (BARBUDA, 1907, p. 5; 8-9, revisada conforme a ortografia vigente).

Ainda em consolidação na época, as explicações a respeito de Estilística foram exploradas por Bally nos dois volumes do *Traité de stylistique française*, com primeira edição datada de 1909. A definição trazida nessa obra é: “A estilística, portanto, estuda os fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, ou seja, a expressão dos fatos da sensibilidade através da linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade” (BALLY, 1909, p. 16, tradução nossa).

Esculturada na área da Linguística, foi Leo Spitzer quem se responsabilizou por fazer a passagem da Estilística para a área da Literatura, com a publicação de *Lingüística e Historia Literaria* (em espanhol). Nessa obra, o autor registra o seguinte raciocínio:

A estilística, pensava eu, preencherá a lacuna entre a linguística e a história da literatura. Por outro lado, lembra-me da advertência do adágio escolástico: “*individum est ineffabile*”, o indivíduo não pode ser definido. Qualquer tentativa de definir um determinado escritor por estilo estaria necessariamente fadado ao fracasso? Argumentava: qualquer desvio estilístico individual da norma atual deve representar um novo curso histórico tomado pelo escritor; tem que revelar uma mudança no espírito da época, uma mudança que o escritor percebeu e quis traduzir em uma forma linguística necessariamente nova (SPITZER, 1968, p. 21, tradução nossa).

Como ensaiado pelo autor, há uma proposta interdisciplinar, não apenas entre a Filosofia e a Linguística, como percebido em Bally, ou entre a Linguística e as Artes, como sugerido por Barbuda, mas entre a Filosofia, a Linguística, a História, a Sociologia, as Artes e a Literatura. Por esse motivo, ainda cremos na Estilística enquanto fundamentação teórico-metodológica para os estudos

contemporâneos de textos artísticos e midiáticos, tendo em vista a linguagem enquanto elemento necessário para sua composição.

Ainda se faz análise estilística em 2021

Da primeira década do século XX à segunda década do século XXI passaram-se mais de 100 anos, mas a análise estilística continuou sendo utilizada como método para compreensão de textos verbais. Nos últimos dez anos, predominaram no Brasil os estudos estilísticos sobre letras de música - como em: Barbosa (2011); Gonçalves, Santos e Pereira (2016); Gomes, Lucena e Pereira (2016); Pereira, Araújo e Pereira (2017); Pereira, Santos, Santos e Grangeiro (2017); Brasão e Costa (2020); Brasão e Sousa (2020); entre outros - e sobre o discurso literário - como em: Conforte (2013); Amorim (2013); Camara (2013); Piccardi (2013); Uchôa (2013); Cardoso e Ignez (2013); Cavalcanti (2013); Araújo (2013); Hergesel (2019); entre outros.

Com a finalidade de estabelecer um percurso metodológico com clareza e coerência, sugere-se o seguinte protocolo para a análise estilística de textos literários: 1) escolha do objeto de pesquisa, considerando sua contribuição artístico-cultural, seu impacto socioeducacional, sua relevância científico-acadêmica, sua relação político-histórica e/ou seu caráter ético-ambiental; 2) leitura direcionada, para que seja possível elencar pontos que demandem maior atenção, tendo em mente os objetivos que se almejam alcançar com a análise; 3) leitura atenciosa, identificando fatores linguísticos que se justifiquem em si mesmos, como escolhas lexicais e figuras de linguagem, ou se vinculem a outras potências comunicativas internas do texto analisado; 4) leitura contextual, buscando alinhavos entre o conteúdo, a forma e as relações interpessoais e intertextuais que se estabelecem, frisando a experiência do autor e demais informações do contexto

de produção; 5) leitura crítica, questionando as cargas sociais, culturais, históricas, políticas, geográficas e/ou outras características dos contextos de produção e fruição que se despontam.

Para este trabalho, a escolha do objeto considerou o destaque de Bruno Molinero no cenário literário contemporâneo. Também autor da coletânea de poemas *Alarido*, publicada em 2015 e vencedora do Prêmio Guavira de Literatura em 2016, Molinero foi estudante da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Brasil), da Escuela Internacional de Cine y Televisión (Cuba) e da Universitat de les Illes Balears (Espanha). Jornalista em atividade, é colunista da Folha de S.Paulo desde 2010. Ganhou o prêmio Jovem Jornalista, do Instituto Vladimir Herzog, em 2011, e foi finalista do prêmio Nascente, da USP, bem como foi indicado ao Prêmio Folha. Em 2012, representou o Brasil no World Event Young Artist, na Inglaterra.

A despeito de tanto mérito, as produções de Bruno Molinero ainda não foram estudadas no ambiente acadêmico, segundo pesquisa realizada no Google Acadêmico em 18 de janeiro de 2021, indicando uma urgência em se investigar a produção literária do autor. Com a publicação do livro *férias na disney*, em novembro de 2020, Molinero consolida sua poética “urbana, cerebral, cruel, direta, antilírica; em resumo, paulistana”, como pontua Manoel Herzog (2020) no texto de orelha. Ainda para o orelhista, a obra se mostra relevante porque “o sarcasmo, a denúncia da falta de humanidade, o horror que permeia os poemas nos levam a refletir sobre o labirinto de Creta em que a sociedade brasileira se encontra”.

Como a coletânea é composta por 30 poemas, distribuídos ao longo de 84 páginas, tornou-se necessário estabelecer um recorte para estudo. Elegemos o poema *férias na disney* (p. 34), por ser justamente o que dá nome ao livro, sugerindo algum impacto editorial ou preferência autoral. Além disso, uma leitura direcionada salientou que, nos seis versos que compõem o poema, parece existir

um combo de polissemias, simbologias e críticas sociais que rendem uma discussão acerca da expressividade.

O poema mostra-se instigante já no título, *férias na disney*, grafado totalmente em caixa baixa. A princípio, podemos constatar que, ao registrar “disney” com letra minúscula, o sentido não se limita à Disneylândia, o parque de diversões e *resort* turístico mundialmente conhecido, mas potencializa no vocábulo seu caráter metonímico (a esfera capitalista) e suas as diversas significações possíveis. Duas delas saltam à mente, considerando o contexto sociopolítico e midiático contemporâneo: uma diz respeito às manifestações populares que resultaram no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em cujas reclamações estava o valor do dólar e a impossibilidade de a classe média viajar ao exterior, sobretudo ao referido parque; a outra se popularizou com a participação da cantora e compositora Manu Gavassi na vigésima edição do *reality show Big Brother Brasil* (Rede Globo, 2020), tendo em vista que seus concorrentes alegavam que a jovem estava no programa não para competir, mas como se estivesse curtindo um passeio na Disney. O uso de “disney”, minusculizado, portanto, sugere uma metonímia para o capitalismo e uma antonomásia para a alienação política, o descaso intelectual, a ilusão coletiva, o clamor ao ócio em detrimento às preocupações reais. Seguindo essa lógica, “férias na disney” soa como uma crítica à cegueira cognitiva acerca dos fatos que assolam a sociedade brasileira.

Os versos iniciais - “odiei o mickey / papai” - trazem a ideia de um diálogo. Não é possível perceber se o eu lírico é feminino ou masculino, propondo até mesmo uma possibilidade de o desabafo valer tanto para um gênero quanto para o outro (ou para nenhum deles). A apóstrofe “papai” sugere que se trata de uma criança, justificando, inclusive, o modo direto como é feita a constatação, “odiei o mickey”, sem adjetivações ou eufemismos. A minusculização de “mickey”, assim como no caso de “disney”, leva a crer que não se trata do personagem famoso dos

desenhos animados, mas de uma metáfora. Vejamos: se o Mickey, a marca, é o emblema da Disney, a empresa, então “mickey”, o termo metafórico, é a personificação do que existe na “disney”, isto é, no louvor à ignorância, na ode à desinformação. Ao mesmo tempo, “mickey”, tal como “disney”, tem um forte apelo à cultura infantil, um dos motivos que ajudam a construir o eu lírico criança.

Continuando o poema, os versos da segunda estrofe começam a justificar o motivo pelo desgosto do eu lírico: “as orelhas são / muito grandes”. O fato de “orelhas” ser colocado como núcleo do sujeito chama a atenção para sua possibilidade interpretativa: se o “mickey” é a personificação da cegueira cognitiva, as “orelhas” podem ser uma sinédoque para um dos elementos para os quais se faz vista grossa. Mas as “orelhas” podem ser também uma alusão às orelhas do burro, animal que se destaca por essa parte do corpo e cuja figura é popularmente condicionada à falta de conhecimento. É importante notar, contudo, que “muito grandes” encontra-se em verso único, ressaltando sua carga semântica para o poema. Sua função estilística é a de hiperbolizar as “orelhas”, ou seja, exagerar o nível do obscurantismo na sociedade - cujas atitudes têm seguido a linha do nazifascismo. Mas o “mickey” e as “orelhas” “muito grandes”, cumprindo seu caráter ambíguo e polissêmico, ganham uma nova conotação nos versos seguintes.

A terceira e última estrofe impacta com o seguinte fechamento: “dói quando passa / a cabecinha”. Há, nesse momento, uma desconstrução da ideia de uma queixa geral sobre os posicionamentos e ações antidemocráticas e desprovidas de humanidade, mas o reforço a uma barbárie específica e para a qual muita gente insiste em fechar os olhos: a pedofilia. Quando o poema destaca “a cabecinha” no verso de conclusão, não se faz uma mera referência à cabeça enquanto parte do corpo, aqui colocada no diminutivo, mas no apelo sexual contido na palavra. Na linguagem popular do paulistano, “cabecinha” vem a ser um sinônimo para a glande, a “cabeça” peniana. Se o eu lírico, que se configura como criança devido

aos recursos linguísticos utilizados, assume que sente dor quando a “cabecinha” passa, há uma construção imagética do pênis em tamanho avantajando (“muito grande”) de uma pessoa que deveria ser querida (“mickey”) penetrando alguma parte de seu corpo pré-púbere.

Na íntegra, o poema parece se utilizar dos mecanismos da Estilística para fazer uma crítica a diversos fatores presentes na sociedade brasileira contemporânea e com os quais o autor precisa lidar diariamente, sobretudo se considerados sua profissão como jornalista e seu envolvimento com as artes e a cultura, segmentos renegados pelos governantes. Em primeiro nível, percebe-se uma crítica metonímica ao capitalismo e aos “vendedores de ilusões”, que se utilizam da publicidade para venderem inutilidades e produtos que nem sempre cumprem com o prometido. Em segundo nível, há uma reconstrução metafórica do movimento chamado bolsonarismo, formado por cidadãos empáticos ao presidente Jair Bolsonaro e que promovem ou aplaudem falas e decisões atreladas à extrema direita. Em terceiro nível, cria-se a alegoria do grito desesperado de uma criança molestada por um ente no qual tinha confiança e que não é amparada diante dessa violência.

Considerações finais

Se, na Antiguidade, Aristóteles acreditava que era possível fomentar a retórica jurídica e a poética literária com elementos passíveis de endossar uma ideia, persuadir o interlocutor, enaltecer o trabalho criativo ou ampliar os níveis de significância de um discurso, verificamos que essa tese se mantém na contemporaneidade, sendo adaptada para os textos vigentes. Resgatadas e ressignificadas por Charles Bally no século XX, a Retórica e a Poética deram origem

à Estilística, disciplina que nasceu com a proposta de estudar os aspectos afetivos da linguagem.

Mesmo após cem anos dessa contribuição - e de mais de dois mil anos das ideias primordiais -, a Estilística vem se mostrando eficaz para compreender a linguagem tanto no nível estrutural e conteudista quanto nas esferas extratextuais. Concentrando-nos aqui na expressividade literária, com enfoque na vertente poética de Bruno Molinero, a partir de um poema publicado no final de 2020, foi possível constatar que a Estilística continua capaz de auxiliar no entendimento das camadas que se encontram além do sentido denotativo, isto é, a análise estilística ainda nos parece uma metodologia válida e preciosa para compreensão de textos artístico-midiáticos contemporâneos.

Referências

- AMORIM, Marcelo da Silva. Estilo, autobiografia e autodidatismo: Graciliano Ramos e os sentidos de infância. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 189-207, 2013.
- ARAÚJO, Nabil. Estilística literária: Leo Spitzer e a transmutação hermenêutica da leitura filológica. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 90-103, 2013.
- BALLY, Charles. **Précis de stylistique**: esquisse d'une methode fondée sur l'étude du français moderne. Genebra (Suíça): A. Eggimann & Cie., 1905.
- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. Paris (França): C. Klincksieck, 1909.
- BARBOSA, Juliana dos Santos. Estilística: aspectos históricos e análise da música *Sambista perfeito*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011. *Anais* [...]. Rio de Janeiro (RJ): Círculo Filológico de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2011, tomo 1. p. 549-560.
- BARBUDA, Pedro Julio. **Estylistica**. Salvador (BA): Oficinas dos Dois Mundos, 1907.
- BRASÃO, Heber Junio Pereira; COSTA, Sandra Diniz. Análise estilística do poema *Trem Bala*, de Ana Vilela. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo (MG), v. 19, n. 39, p. 161-167, 2020.
- BRASÃO, Heber Junio Pereira; SOUSA, Cristina Soares de. *Um trem para as estrelas* de Cazuza e Gilberto Gil: uma análise estilística. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo (MG), v. 19, n. 38, p. 178-188, 2020.

- CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. Hipocorísticos, apelidos e crítica social: linguagem e estilo em Machado de Assis. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 208-220, 2013.
- CARDOSO, Elis de Almeida; IGNEZ, Alessandra Ferreira. A estilística e o discurso literário contemporâneo. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 36-53, 2013.
- CAVALCANTI, Camilo. Da crítica estilística à estilometria literária. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 90-103, 2013.
- CONFORTE, André. Othon Moacyr Garcia e a análise estilística no Brasil. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 125-154, 2013.
- GOMES, Débora Thaís Bacurau; LUCENA, Leidiany Vieira de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa Pereira. Um retrato da expressividade linguística na canção *O Cheiro da Carolina* de Luiz Gonzaga. **Miguilim**, Crato (CE), v. 5, n. 3, 2016.
- GONÇALVES, Aline Vieira; SANTOS, Renata Rodrigues dos; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. Marcas estilísticas na canção *Águas de março*, de Tom Jobim.
- EntreLetras**, Araguaína (TO), v. 7, n. 1, p. 170-184, 2016.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. **Semântica e estilística**. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2017.
- HERGESEL, João Paulo. A literatura infantil no galinheiro: nuances poéticas em *A galinha que botava batatas*, de Simone Pedersen. **Elos: Revista de Literatura Infantil e Xuvenil**, Santiago de Compostela (Espanha), n. 6, p. 99-115, 2019.
- HERZOG, Manoel. A poesia de Bruno Molinero [...] (texto de orelha). In: MOLINERO, Bruno. **Férias na Disney**. São Paulo (SP): Patuá, 2020.
- MOLINERO, Bruno. férias na disney. In: MOLINERO, Bruno. **férias na disney**. São Paulo (SP): Patuá, 2020. p. 34.
- PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ARAÚJO, Aluiza Alves de; PEREIRA, Leydiane de Sousa. Análise estilística da canção *A Volta da Asa Branca*. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 7, n. 14, p. 64-81, 2017.
- PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; SANTOS, Jaqueline Rocha dos; SANTOS, Ana Caroline Gomes dos; GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. A expressividade linguística na letra da canção *Flor da idade*, de Chico Buarque. **Verbum**, São Paulo (SP), v. 6, n. 4, p. 55-69, 2017.
- PICCARDI, Tatiana. Estilo e autoria em relatos de dor. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 221-238, 2013.
- SPITZER, Leo. [1948]. **Lingüística e historia literaria**. 2. ed. Madri (Espanha): Gredos, 1968.
- UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. Estudos estilísticos no Brasil. **Matraga**, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 32, p. 12-35, 2013.

ZYNGIER, Sonia. Quem tem medo da estilística?. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; SILVA, Suzete (org.). **Semântica e estilística**: dimensões atuais do significado e do estilo. Homenagem a Nilce Sant'Anna Martins. Campinas (SP): Pontes, 2014. p. 463-473.